

ESPECIAL

AÇORES



Foto cedida

Açores querem continuar a crescer acima da média nacional

RICARDO SANTOS FERREIRA
rferreira@jornaleconomico.pt

O crescimento do turismo tem sido a locomotiva da economia açoriana nos últimos anos, o que permitiu à Região crescer acima da média nacional em 2015 e 2016, os dois últimos anos para os quais o Instituto Nacional de Estatística (INE) publica informação sobre a evolução do produto interno bruto (PIB) da região autónoma. Sérgio Ávila, vice-presidente do Governo regional, entrevistado neste caderno especial, disse ao Jornal Económico que a tendência deverá ter-se mantido no ano passado. “Os Açores têm vindo a registar ao longo dos últimos anos um crescimento económico significativo e

sustentável, crescendo acima da média nacional, nomeadamente nos últimos dois anos em que há estatística PIB regional”, afirmou.

Segundo os dados divulgados pelo INE, a economia açoriana registou um crescimento real de 3% em 2015, um ritmo 1,2 pontos percentuais mais intenso do que o da economia nacional. No ano seguinte, o passo abrandou para 1,6%, ainda assim uma décima acima do registado a nível nacional. “Se fizemos uma análise temporal mais abrangente, verifica-se que os Açores, nos últimos 15 anos, foram a única Região do país que convergiu em termos de PIB per capita com a União Europeia”, afirma Sérgio Ávila.

Em 2017, o crescimento da economia portuguesa acelerou subs-

tancialmente, para 2,7%. Para os Açores ainda não há dados do INE, mas o governo regional trabalha num cenário de continuação do crescimento. Até porque a taxa de desemprego continua a cair, tendo baixado, consecutivamente, de 18% no início de 2014 para os atuais 8,2%. Na hotelaria, entre o segundo trimestre do ano passado e o segundo trimestre de 2018, o emprego aumentou 50%. O presidente do Governo regional, Vasco Cordeiro, também salientou, recentemente, os bons dados do “licenciamento de obras, venda de cimento, pesca descarregada ou venda de automóveis novos”, para explicar que nem todo o crescimento na Região é turismo.

Os desafios da região não desapareceram: dispersão do território

(com um sobrecusto na produção por causa do transporte), ultraperiferia (com um sobrecusto por causa do transporte) e, agora, para algumas atividades, escassez de mão de obra. Mário Fortuna, presidente da Câmara do Comércio dos Açores e da Câmara do Comércio e Indústria de Ponta Delgada, analisa neste caderno a situação das empresas. Diz que a economia açoriana com “resistentes da crise”, com novos empresários e com “investidores externos”. A economia sofreu muito com a crise, especialmente o sector da construção e todas as atividades que lhe estão associadas. Só que, com este novo ciclo, há oportunidades que estão a ser aproveitadas – puxadas pelo crescimento do turismo –, mas não só, porque também se incenti-

va o empreendedorismo, como é o caso do Terceira Tech Island, lançado no início deste ano, com a criação de cursos de formação em programação, e que já conseguiu captar o investimento de seis empresas, que se instalaram na ilha.

“Só podemos estar satisfeitos com o caminho percorrido, com a nova dinâmica de investimento privado e empresarial que hoje se vive nos Açores”, afirma Sérgio Ávila ao Jornal Económico. “Os resultados são bons, mas vamos continuar determinados, a progredir, a aperfeiçoar e a incrementar, ainda mais, esta dinâmica com vista a um maior crescimento do emprego, geração de mais riqueza, mais produção e de mais produtividade com benefícios extensíveis a todas as ilhas”, acrescenta. ●

ENTREVISTA SÉRGIO ÁVILA Vice-presidente do Governo Regional dos Açores

“Vivemos um novo ciclo de desenvolvimento económico nos Açores”

Sérgio Ávila diz que o turismo tem sido um motor do crescimento dos Açores, mas que a estabilidade financeira e política permitiu que as empresas aproveitassem o momento, que ainda não se esgotou.

RICARDO SANTOS FERREIRA
rsferreira@jornaleconomico.pt

Os Açores estão a viver um novo ciclo de desenvolvimento económico, suportado pelo crescimento do turismo, que deu um salto com a chegada das companhias aéreas de baixo custo ao arquipélago. Em entrevista ao Jornal Económico, o vice-presidente do Governo Regional dos Açores, Sérgio Ávila, diz que todos os sectores aproveitaram as oportunidades criadas pela expansão do turismo, não só na Região, mas também no estrangeiro. “O efeito na economia regional do crescimento do turismo será tanto maior quanto maior for a nossa capacidade de criar rendimento com esta atividade, que tem um enorme potencial de crescimento”, diz.

A evolução do sector do turismo tem sido um factor de crescimento da economia da Região Autónoma dos Açores. Como avalia esta evolução e a que se deve?

Hoje vivemos um novo ciclo de desenvolvimento económico nos Açores. Este novo ciclo surge claramente alavancado pelo sector do turismo, mas cujo desenvolvimento é transversal a todos os sectores de atividade.

Daqui se depreende que a evolução tem sido extremamente positiva e resulta não só de um conjunto de políticas públicas implementadas, mas também, e, sobretudo, da confiança, empenho, dedicação e profissionalismo dos nossos empresários, bem como, de todos aqueles que trabalham o destino quer cá, quer junto dos nossos principais mercados emissores.

A evolução referida resulta, assim, de vários fatores, nomeadamente, a redefinição dos mercados considerados estratégicos, onde se incluiu uma forte aposta no mercado norte-americano – nos Estados Unidos e no Canadá; ao reposicionamento da oferta turística, com a comunicação

do destino a transitar de uma oferta contemplativa, para destino de turismo de natureza ativo, onde as atividades e experiências, passaram a estar no centro de uma envolvente de natureza exuberante; deve-se à aposta nos canais digitais; e, naturalmente, à implementação do novo modelo de acessibilidades realizada em 2015, que não só permitiu a entrada de companhias low cost nas rotas domésticas, nas ligações entre os Açores e o Continente, como para a Europa.

Permitam-me também destacar a estabilidade das finanças públicas regionais, que é comprovada no que diz respeito, por exemplo, à dívida pública que atualmente representa apenas 41,6% do PIB regional, enquanto no país é de 125,7% do PIB e na Madeira superior a 100% do PIB. É um garante de sustentabilidade financeira da Região e assegura às gerações futuras uma estabilidade financeira e uma garantia de recursos para dinamizar o investimento público e privado, a economia, o emprego e o apoio às famílias.

O desempenho positivo daqueles e de outros indicadores permitem-nos prever uma evolução positiva da economia regional.

“

Todos os esforços do Governo dos Açores no desenvolvimento do turismo foram acompanhados pelas empresas regionais e por investidores externos

Este crescimento altera a estrutura da economia regional? Em que medida?

O desenvolvimento do sector do turismo abre ainda mais a Região ao mundo, tornando-a cada vez mais apetecível tanto para quem nos visita, como para quem pretende investir nas mais variadas áreas de negócio.

Verifica-se que o crescimento acentuado do turismo nos últimos anos contribuiu para diversificar a atividade económica regional e não especializar ou concentrar a estrutura produtiva regional. O turismo tem, assim, um efeito multiplicador na economia açoriana, quanto maior for a capacidade da estrutura produtiva regional para gerar valor e produzir bens e serviços para a oferta turística.

A Estratégia definida pelo Governo dos Açores, assume que as áreas temáticas basilares da nossa economia são o agroalimentar, que inclui a agricultura, a pecuária e a agroindústria; o turismo; a economia do mar e a área das tecnologias de informação e comunicação, na medida em que fornece soluções inovadoras para os negócios inseridos nas restantes áreas.

Neste sentido, não existe uma concorrência entre setores de atividade, mas sim uma complementaridade. O efeito na economia regional do crescimento do turismo será tanto maior quanto maior for a nossa capacidade de criar rendimento com esta atividade, que tem um enorme potencial de crescimento.

A diversificação da oferta de serviços de animação, a qualificação da oferta turística e a valorização dos produtos regionais são elementos essenciais nessa estratégia e na concretização desse objetivo.

Ou seja, o crescimento do turismo é uma oportunidade e uma alavanca para o crescimento da produção regional, para a diversificação de serviços e, essencialmente, para a consolidação na nossa estrutura produtiva assente no aproveitamento dos nossos recursos endógenos.

Felizmente, penso que temos conse-

guido trilhar esse caminho. Só no último ano registou-se um crescimento de 22% nas vendas dos produtos “Marca Açores”, uma parte resultante do aumento das exportações na sequência do esforço de promoção externa e valorização da “Marca Açores”, mas também, muito pelo aumento da procura interna desses produtos na sequência do crescimento do turismo.

Em termos de estrutura produtiva regional, o ramo de atividade que engloba o Comércio, Transportes, Alojamento e Restauração representa 24,1% da economia regional, ou seja, representa cerca de um quarto da produção regional e tem nos Açores o mesmo peso relativo que se verifica no país, sendo por isso equilibrada essa repartição da estrutura produtiva.

O crescimento do sector do turismo a que temos assistido não altera a estrutura da economia regional de forma radical, mas sim desenvolve um fortalecimento daquilo que, sendo estratégico, nos diferencia em Portugal e no estrangeiro.

Considera que existem condições para que o turismo continue a ser um motor da economia? Quais são os principais desafios?

Vivemos numa economia cada vez mais aberta e global à escala mundial. Neste contexto, qualquer atividade económica ou sector de atividade está, cada vez mais, dependente da evolução do mercado global.

Por isso, sendo o turismo, sem dúvida, uma atividade extremamente concorrencial à escala mundial, a realidade é que, como qualquer outro sector, no âmbito da produção de bens e serviços transacionáveis, está inserido na mesma lógica de globalização.

O turismo assume-se, assim, como uma indústria de investimento intensivo. O sucesso num mercado cada vez mais global estará sempre dependente da capacidade permanente de sermos competitivos a cada momento no produto oferecido. Isso





Foto cedida

implica um esforço permanente de qualificação e valorização dos produtos e serviços, assim como sermos mais eficientes na promoção junto dos principais mercados emissores e dos segmentos de mercado que têm maior apetência por um destino com as nossas características.

Sendo o turismo um dos sectores de atividade que à escala mundial maior crescimento se prevê que continue a registar nos próximos anos e tendo os Açores um grande potencial de crescimento nesta área, a conjugação destas duas realidades, com a permanente necessidade de aperfeiçoamento da competitividade da nossa oferta turística, permite perspetivar que eventuais desafios poderão ser convictamente vencidos e ultrapassados.

Que outros sectores da economia constituem uma oportunidade para o investimento? Que projectos estão a ser desenvolvidos?

Como disse, no âmbito da Estratégia de Especialização Inteligente definida pelo Governo dos Açores as áreas estratégicas da Região são o agroalimentar, o turismo e a economia do mar e a área das tecnologias de informação e comunicação.

Nas nossas decisões, tem sido dado especial ênfase aos projetos dirigidos à produção de bens transacionáveis, inseridos em cadeias de valor associadas a recursos endógenos, a serviços de valor acrescentado, bem como na área das Tecnologias da Informação e Comunicação.

Com que ferramentas de financiamento podem os empresários contar na região?

O novo ciclo de desenvolvimento económico dos Açores tem sido potenciado pelo facto de termos uma estrutura fiscal substancialmente mais favorável às empresas e aos trabalhadores do que aquela que se verifica noutras regiões.

Os Açores gozam de um diferencial fiscal vantajoso, na ordem dos 20% a 30% mais baixo, em relação ao restante território português, em sede de Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Coletivas [IRC], de Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares [IRS], de Imposto sobre o Valor Acrescentado [IVA]. A Região também beneficia da segunda taxa de IVA mais baixa da União Europeia.

Para além de uma estrutura fiscal muito atrativa, da estabilidade orçamental, política e social, o Governo dos Açores tem vindo a assegurar o reforço da autonomia financeira, o rigor e contenção das despesas de funcionamento da administração regional, a redução da dependência externa em termos de fontes de financiamento e o aumento do rendimento disponível das famílias açorianas.

Por outro lado, disponibilizamos um sistema de incentivos ao investimento que é o mais abrangente e o

mais generoso que há no contexto europeu. O Competir+, sistema de Incentivos para a competitividade empresarial, o Governo dos Açores está a promover o desenvolvimento sustentável da economia regional, a reforçar a competitividade das empresas açorianas, a promover o alargamento da base económica de exportação, a estimular a produção de bens e serviços transacionáveis e de carácter inovador.

O sector agrícola e da agropecuária da região tem tido dificuldades em enfrentar a competitividade de outros mercados. Que soluções estão a ser desenvolvidas?

São várias as iniciativas do Governo dos Açores que têm permitido a afirmação dos produtos regionais em mercados exteriores à Região. Desde logo, a criação e gestão da “Marca Açores”, cujos produtos aderentes gozam de uma projeção no mercado nacional nunca antes conseguida, refletida num aumento das vendas para esse mercado.

Por outro lado, tem também sido desenvolvida uma estratégia de promoção dos produtos do sector primário em eventos nacionais e internacionais de renome.

Paralelamente, são desenvolvidas missões empresariais que permitem às empresas açorianas participantes o contacto direto com importadores e distribuidores de outros países.

De forma inversa, são ainda promovidas visitas às empresas regionais de importadores estrangeiros, para que estes possam verificar localmente as matérias-primas e os métodos de produção que conduzem à excelência dos produtos regionais.

Os transportes têm sido encarados como um dos factores que reduz a competitividade dos produtos da Região Autónoma. Que políticas estão a ser desenvolvidas?

Numa região insular e arquipelágica como a nossa, os transportes assumem uma importância fundamental para a circulação de pessoas e bens.

Em 2015, o Governo dos Açores levou a cabo a maior reforma de sempre ao nível do transporte aéreo, com os resultados conhecidos de todos. Ao nível do transporte marítimo, para além da introdução de navios ro-ro [Roll on-Roll off] no transporte regular interilhas, temos vindo a diligenciar junto dos armadores que efetuam as ligações da Região ao restante território nacional, para que estes adequem a sua oferta às reais necessidades das empresas açorianas.

Para além do anteriormente referido, ao abrigo do subsistema de incentivos para a Internacionalização, do Competir+, foi criada uma medida específica que permite o apoio de 90% dos custos de transporte para os produtos mais representativos da nossa base de exportação. ●



ANÁLISE

Liberalização do transporte aéreo trouxe novos investidores

O tecido empresarial açoriano, maioritariamente constituído por médias empresas, nos últimos anos, tem concentrado as suas apostas nos serviços. Com o setor do turismo como força motriz, há cada vez mais investidores estrangeiros a apostar nos Açores.

SÓNIA BEXIGA

sbexiga@jornaleconomico.pt

Segundo os dados apurados no “Inquérito à Atividade Empresarial 2017 e Perspetivas para 2018”, relativos à caracterização das empresas, numa análise que a Câmara do Comércio e Indústria de Ponta Delgada/Associação Empresarial das Ilhas de São Miguel e Santa Maria têm vindo a realizar desde 2009, a maioria (63,5%) são sociedades por quotas, com sede no concelho de Ponta Delgada (52,7%) e têm como atividade principal os serviços (34,7%), o comércio (26,9%), alojamento, restauração e similares (16,8%), indústria (13,2%), e construção civil (8,4%).

Em relação à dimensão das empresas destacam-se as micro e pequenas empresas, com 45,5% e 40,1%, respetivamente. As empresas de média dimensão representam 11,4% e as grandes empresas 3%.

Neste inquérito, também foram abordadas as expetativas para 2018. Ao nível da situação financeira, para o decorrer deste ano, foi possível apurar que 50,2% dos inquiridos perspetivavam que a situação financeira da sua empresa será “igual”, (43,1%) identificam que será “melhor ou muito melhor”, enquanto apenas 4,7% consideram que será “pior ou muito pior” ficando quem “não sabe / não responde” com apenas 2%.

Nota ainda para o facto de cerca

As expetativas para 2018, ao nível da situação financeira, revelam que 50,2% dos inquiridos perspetivavam que a situação será “igual”, (43,1%) identificam que será “melhor ou muito melhor”, enquanto apenas 4,7% consideram que será “pior ou muito pior”

de 58,1% das empresas inquiridas não ter recorrido a empréstimo bancário para financiamento da sua atividade corrente em 2017, enquanto 38,3% o fizeram.

Mas a caracterização dos empresários açorianos não se fica por aqui. Na análise de Mário Fortuna, presidente da Câmara do Comércio dos Açores e da Câmara do Comércio e Indústria de Ponta Delgada, é possível fazer um retrato da atualidade partindo de três grupos principais: “Os resistentes da crise, os novos empresários e os investidores externos”.

O primeiro grupo, explica o responsável ao Jornal Económico, é composto por um conjunto de empresas, algumas seculares, que conseguiram ultrapassar os desafios da crise recente e continuar os

seus negócios, mesmo com alguma descapitalização.

“São os que ficaram depois do intenso processo de seleção que se operou com a retração económica em toda a economia mas particularmente nas áreas afetas à construção civil e a todo o comércio que lhe está associado assim como o comércio de equipagem de habitações”, reforça.

O segundo grupo, acrescenta, “é composto por um conjunto de novos empresários que encontraram oportunidades nas cinzas de algumas atividades, particularmente da construção, ou nas novas oportunidades geradas com o crescimento do turismo”, e o terceiro, está essencialmente associado ao turismo.

É composto pelos muitos pe-

quenos e grandes investimentos que vêm sendo feitos por empresários externos à Região (alguns estrangeiros), mais uma vez, para tirar partido das novas oportunidades surgidas particularmente depois da liberalização do transporte aéreo para S. Miguel e Terceira.

Em seu entender, “o fulgor” destes segmentos empresariais tem estado condicionado pela disponibilidade de concessão de crédito “por parte de um setor bancário que sofreu transformações tão grandes ou maiores do que as dos restantes setores. Esta realidade começa a alterar-se com a maior disponibilidade aparente de concessão de crédito por parte da banca”, remata.

Turismo a crescer, construção a abrandar

Quanto à performance dos vários setores, Mário Fortuna dá conta de que o turismo, com todas as atividades que lhe estão associadas, é o setor que mais tem evidenciado dinâmica e a construção civil, no sentido oposto, aquele que maiores dificuldades tem encontrado, apesar do registo de um contributo positivo da reabilitação, associada ao crescimento do alojamento local. E na área do turismo evidenciam-se principalmente os transportes aéreos e terrestres, as agências de viagem, empresas de animação turística, hotelaria tradicional, alojamento local, restauração, artesanato, entre outros.

“Trata-se de um processo envolvente de muitos intervenientes com a criação de muitos novos postos de trabalho. Só entre o segundo trimestre de 2017 e o mesmo trimestre de 2018, de acordo com o inquérito trimestral ao emprego, o número de postos de trabalho na hotelaria, restauração e similares aumentou de cerca de seis mil para cerca de nove mil”. Para segundo plano tem ficado o setor da construção que cai de um nível de emprego de cerca de 18 mil pessoas em 2008 para os atuais cerca de seis mil.

No que concerne a barreiras ao desenvolvimento empresarial nas ilhas dos Açores, “reconhecidas as características fundamentais como o afastamento e a dispersão das ilhas”, tal como aponta Mário Fortuna, destacam-se, como principais constrangimentos, “os custos dos transportes e a fiscalidade, agravada em termos relativos, depois da intervenção da Troika, sem que se tenha recuperado a posição competitiva anterior”.

O responsável aponta ainda a disponibilidade limitada de mão-de-obra qualificada em vários setores mas particularmente em áreas críticas do turismo como a restauração. ●



MÁRIO FORTUNA
Presidente da Câmara do Comércio dos Açores e da Câmara do Comércio e Indústria de Ponta Delgada

Como avalia o impacto dos fundos comunitários no desenvolvimento económico local?

Os fundos comunitários rondam os 220 milhões de euros por ano numa economia que gera um PIB de cerca de quatro mil milhões de euros (5,5%). É um contributo importante pese embora as muitas críticas quanto à reprodutividade de algumas das aplicações feitas. Os fundos estruturais foram determinantes na dotação da Região das infraestruturas básicas de qualquer economia moderna como saneamento básico, abastecimento de água, portos, aeroportos, estradas, hospitais e escolas, para referir as principais. Nas políticas sectoriais das pescas e agrícola, assim como na formação os fundos foram também importantíssimos. No último quadro surge um acento tónico importante em políticas de mitigação da situação de crise, sem grande valor reprodutivo futuro.

O que esperam os empresários do próximo (2030) quadro comunitário?

As expectativas já estão marcadas por uma quase inevitabilidade de estagnação ou mesmo redução do envelope financeiro, com muitas preocupações do lado da política agrícola. Espera-se que haja um compromisso claro com a área da formação e que nos demais programas se foque, sobretudo, em ações de geração de capacidade produtiva competitiva futura. Isto quer dizer que mesmo que o envelope financeiro seja mais reduzido, importará sempre optar pelas utilizações mais suscetíveis de gerarem valor no futuro.

LactAçores
União das Cooperativas de Lacticínios dos Açores UCRL

Dê o melhor da natureza a quem mais gosta!

<https://www.facebook.com/Lactacores/> www.lactacores.pt

EMPRESÁRIOS ESTÃO A TRANSFORMAR DIFICULDADES EM OPORTUNIDADES

Neste espaço de debate e reflexão, o JE desafiou os empresários açorianos a partilhar a sua visão sobre a economia da região, a apontar as dificuldades e oportunidades com que vão lidando por estes dias, deixando ainda uma nota final sobre que caminhos seguem os seus negócios rumo ao sucesso. Apesar do registo otimista em comum, diante de uma economia “pujante”, impulsionada por um setor do Turismo que tem de subir a fasquia da oferta, sobretudo em quantidade, os empresários não deixam de sublinhar algumas lacunas. No caso da indústria, particularmente a das pescas e transformação do pescado, aponta “a notória falta de infraestruturas de apoio”.



LUÍS DE SOUSA
Administrador
da ACIN iCloud Solutions

AÇORES ESTÃO “NO BOM CAMINHO”

1. A economia açoriana está mais pujante que nunca, fruto do forte investimento que o Governo Regional dos Açores tem vindo a fazer tendo em vista a afirmação cada vez mais recente da marca Açores, ligando-a ao turismo de natureza, aos recursos naturais e também aos derivados da carne e do leite. A liberalização das rotas aéreas, a atração de novas companhias e “Tour Operators”, trouxeram milhares de visitantes aos Açores, dinamizando as atrações naturais, a hotelaria e a restauração e outros sectores da economia regional. Estamos pois no bom caminho.

2. As dificuldades derivam sobretudo da iniciativa privada. As condições mínimas estão criadas, restando agora, à iniciativa privada,

a capacidade de colmatar a falta de camas e de restaurantes que já se começa a sentir. Está tudo cheio e começa, de facto, a fazer falta este tipo de infraestruturas. E as oportunidades derivam exatamente disto. Os investidores estão atentos e, claramente a transformar as dificuldades em oportunidades.

3. A ACIN posiciona-se como uma verdadeira parceira para o fornecimento de soluções chave na mão na área da ‘cloud computing’, permitindo aos clientes a utilização dos seus sistemas sem um forte investimento inicial, num serviço totalmente integrado que incorpora DataCenter, Cibersegurança, Backup’s, manutenção preventiva, corretiva e também evolutiva, tudo respeitando os mais elevados standards internacionais, já que, todas as suas soluções estão certificadas pelas normas internacionais ISO 9001, ISO 27001 e ISO 20000. Recentemente a ACIN foi a empresa adjudicatária para o fornecimento da solução de contratação pública para o Governo Regional dos Açores, oportunidade de ouro para afirmar a solução “acinGov” no mercado português, onde atingiu, desde janeiro este ano, a liderança destacada. A dispersão geográfica beneficia a ‘cloud computing’ e, no caso dos Açores, consideramos um ecossistema muito favorável à utilização massiva das suas soluções, seja na área da contratação Pública (acinegov.pt), como na área da Saúde (imed.pt), na área da gestão documental (idok.pt), na área da gestão financeira (igest.pt), certificados de assinatura digital e selos temporais (globaltrustedsign.com), entre outras que podem ser consultadas em www.acin.pt. Desde o início e no âmbito do “Terceira Tech Island”, a ACIN juntou-se ao projeto, criando uma empresa baseada na Ilha Terceira, onde criou um polo com técnicos especializados em dispositivos móveis. Admitiu cinco recursos para o projeto, e o objetivo será admitir mais até atingir um total de 50. Ainda relativamente ao projeto “Terceira Tech Island”, como já tive oportunidade de referir, conheço outros projetos na região mas muito poucos estão organizados como este. Ao colocar a formação dos Recursos Humanos a montante de tudo, o sucesso está garantido.



CATARINA FERRAZ
Adjunta da Administração
Marketing e Comunicação Cofaco

URGE FIXAR INVESTIMENTO

1. Do ponto de vista do setor secundário, a economia açoriana ainda não conseguiu desenvolver as infraestruturas à captação e fixação de investimento industrial. A falta de um plano estratégico para o setor, ao nível das pescas e transformação do pescado, interfere com a competitividade das empresas e, em última análise, faz com que a instalação de novas unidades industriais seja difícil. A necessidade de criação de condições para a fixação de investimento é essencial à sobrevivência do setor na região e, desta forma, ao desenvolvimento sustentável da economia açoriana.

2. A localização nos Açores implica uma série de condicionantes à atividade industrial. Inicialmente, a razão por que decidimos fixar-nos nesta região prendia-se com uma maior proximidade da matéria-prima. No entanto, à data, o pescado dos Açores já não é suficiente para satisfazer as nossas necessidades de produção, o que nos obriga a ir comprar a nossa principal matéria-prima a outras geografias. A isto, acresce ainda o facto de os Açores estarem fora da rota dos cargueiros internacionais. Paralelamente, os Açores apresentam uma notória falta de infraestruturas de apoio à indústria, forçando assim a que tenhamos sempre de recorrer a soluções externas para questões de manutenção da fábrica, compra de matérias-primas e compra de consumíveis. Tudo isto contribui para que os custos associados ao processo produtivo sejam mais elevados, colocando-nos em desvantagem face às empresas congéneres localizadas no continente. Não obstante, estas dificuldades trazem associadas algumas oportunidades. Com o grande objetivo de amenizar todas estes desafios e otimizar as potencialidades da região, estamos a trabalhar para a criação de uma rede

de atividades complementares à indústria, capazes de providenciar apoio e rentabilizar a atividade industrial na região. Apenas assim será possível tirar o máximo partido do valor acrescentado que a ligação aos Açores representa. Por outro lado, mais de meio século de presença nos Açores permitiu-nos, ao longo dos anos, reunir um património de saber ímpar. No nosso processo de fabrico, processos automáticos convivem com o saber e o trabalho manual de gerações dedicadas à indústria conserveira, o que nos permite obter marcas e produtos de excelência.

3. Na Cofaco, trabalhamos diariamente com o objetivo de responder às necessidades reais dos nossos clientes e consumidores a nível mundial, através da produção das melhores conservas portuguesas. Neste sentido, modernizámos e otimizámos os processos produtivos. Privilegiando sempre o know-how único que a nossa história nos garante, acreditamos na importância de conciliar a tradição artesanal com uma cultura de constante inovação. Por tudo isto, sabemos que o desenvolvimento futuro da nossa indústria nos Açores assenta, em grande parte, na expectativa de uma nova política de pescas e maior aposta governamental no setor pesqueiro, por via da otimização dos meios pesqueiros e dos instrumentos de identificação de pescado. Consubstanciados num plano estratégico para o setor nos Açores, estes são temas fundamentais para que se criem condições otimizadas para o crescimento industrial da região. Tirando partido da proximidade ao apoio administrativo que os Açores permitem, a coordenação com as unidades empresariais deve ser o ponto de partida para pensar o futuro da indústria nos Açores.

1 COMO AVALIA O DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA AÇORIANA?

2 QUAIS CONSIDERA SEREM AS MAIORES DIFICULDADES E OPORTUNIDADES?

3 QUE OBJETIVOS TEM PARA DESENVOLVER O SEU NEGÓCIO?

TECNOLOGIA

Terceira Tech Island capta investimento nacional e internacional

Este programa tecnológico de desenvolvimento económico do Governo Regional, lançado no início deste ano, já está a produzir resultados.

SÓNIA BEXIGA

sbexiga@jornaleconomico.pt

O programa de desenvolvimento económico traçado pelo Governo Regional para a Ilha Terceira, designado por Terceira Tech Island, arrancou em outubro de 2017, com a criação de cursos de formação em programação, e desde então, conseguiu captar o investimento de seis empresas, que se instalaram na ilha e criaram postos de trabalho para os novos programadores. Além destas seis empresas, o Governo Regional já fez saber que está em contacto com outras 10 empresas tecnológicas nacionais e internacionais que querem instalar centros operacionais na Ilha Terceira.

O próximo curso começa em setembro e vai colocar à disposição das empresas que se queiram instalar na Ilha Terceira, mais 40 programadores altamente qualificados. O programa de formação e de requalificação continuará em 2019 e tem como objetivo atingir 200 programadores formados na Região até ao final do próximo ano.

Sobre a criação deste projeto, o vice-presidente do Governo Regional dos Açores, Sérgio Ávila, afirma ao Jornal Económico que para além do “especial ênfase” que tem sido dado aos projetos dirigidos à produção de bens transacionáveis, inseridos em cadeias de valor associadas a recursos endógenos, a serviços de valor acrescentado, também a área das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), onde se enquadra o Terceira Tech Island, foi alvo de igual aposta.

Considerando tratar-se de um “projeto estruturante”, que visa criar um centro tecnológico (HUB) na ilha Terceira, ocupando um conjunto de infraestruturas nas imediações da Base das Lajes, Sérgio Ávila sublinha ainda que este “é um exemplo de como, perante a adversidade (redução da atividade da Base das Lajes), o Governo dos Açores procurou criar uma alternativa que hoje já se reveste de um enorme sucesso tanto na captação e instalação de empre-



Foto cedida

sas nacionais e internacionais na ilha como na criação de emprego, com grande potencial de empregabilidade, na área da programação avançada”.

A explicar o sucesso desta iniciativa, em sua opinião, estão mais-valias como o desenvolvimento de competências locais para preparar as pessoas para as novas exigências do mercado, assegurando assim o capital humano necessário à atração de empresas; bem como a criação de condições competitivas e de qualidade para as empresas se instalarem e conseguirem trazer para os Açores os seus quadros qualificados.

Particularmente sobre este aspeto da instalação das empresas, o vice-presidente do Governo Regional, avançou que o Governo

O programa de formação e de requalificação continuará em 2019 e tem como objetivo atingir 200 programadores formados na Região até ao final do próximo ano

disponibilizará “300 moradias unifamiliares de grande dimensão e conforto, situadas em frente ao mar - no chamado bairro americano (onde estavam alojados os militares americanos e as suas famílias) e ainda espaços multifuncionais de grandes dimensões, devidamente infraestruturadas”.

O sucesso do HUB tecnológico, para o responsável, também passa pela possibilidade de as empresas se candidatarem aos programas de investimento destinados à competitividade empresarial, um dos programas mais competitivos da União Europeia cujos incentivos podem chegar aos 60% a fundo perdido; a medidas para criação de postos de trabalho, a que acresce um diferencial fiscal vantajoso, na ordem dos 30% e 20%, em relação ao restante território português, em sede de IRS e IRC respetivamente, e uma taxa normal de iva de 18%, contra os 23% no Continente”.

Destaca-se ainda o facto dos certificados obtidos nos cursos promovidos no âmbito do Terceira Tech Island serem reconhecidos internacionalmente, o que pode traduzir num trunfo atendendo à forte procura por profissionais qualificados nas áreas de programação. Desse modo, “foi possível realizar o sonho da maioria das pessoas que passaram pelos cursos, colocando-as com sucesso no mercado de trabalho”, conclui Sérgio Ávila. ●



Grupo Anjos: uma década da melhor restauração nos Açores. Para ir ao céu sem sair de terra.

Quem vai a São Miguel, facilmente se deixa encantar pela sua beleza. Isto no que diz respeito aos ex-libris naturais. Já na oferta gastronómica, também rica, há na ilha um nome que se destaca: Grupo Anjos. São dez anos de vida, oito estabelecimentos espalhados por Ponta Delgada e milhares de clientes felizes.

O primeiro espaço, hoje chamado “casa mãe”, foi o Baía dos Anjos nas Portas do Mar em Ponta Delgada. Seguiram-se mais sete obedecendo ao mesmo lema: oferecer o melhor da ilha, com qualidade elevada e preços competitivos.

Todos com características únicas, indo ao encontro do cliente nacional e estrangeiro.

Rui Anjos e Ana Sofia Ferreira Anjos estão à frente do grupo que cresceu, tendo hoje mais de 190 colaboradores. Numa ilha cada vez mais visitada e, cada vez mais competitiva, tem lugar cativo.

Por isso, 2018 é ano de celebrações. Desde logo homenageando os “Anjos de Ouro”, ou seja, os funcionários que diariamente se entregam no melhor serviço. Novas fardas serão entregues, haverá almoço convívio e outras homenagens.

A nível externo, a música, privilegiando artistas açorianos, vai tomar conta dos estabelecimentos. Em setembro está marcado por um espetáculo infantil e familiar no Café Central. A festa prolonga-se nos meses seguintes, sempre com a intervenção cultural e o significado que este negócio tem na sociedade onde está inserido.

A história do grupo tem no pai de Rui, a figura principal. De todos os eventos alusivos a esta década, uma parceria com os CTT para lançamento de um selo comemorativo do 29º aniversário do Cantinho dos Anjos, é o mais simbólico. Segundo Rui, esta era a morada e o espaço preferido do pai, José Anjos. Haverá ainda o descerrar de um placa dedicada ao patriarca.

O calendário das comemorações ainda não está totalmente fechado, e outras iniciativas serão anunciadas até final do ano. Os empresários também não estão fechados a outras novas oportunidades de negócio. Nos planos para o futuro está uma maior variedade de produtos e serviços.

Marcar a diferença é, para Rui Anjos, um dos segredos do sucesso. Ana Sofia, aposta no desejo de tocar a vida dos outros de forma positiva.

Juntando todos os ingredientes, obtém-se parte da fórmula que explica o sucesso desta empresa.

A Baía dos Anjos, Yacht Club, Cantinho dos Anjos, Pizzeria 3 Sentidos, Avenida dos Anjos, Saláto, Cais da Sardinha e Café Central, estão abertos para quem se queira juntar este aniversário.

grupo
anjos
anos

Com o apoio de



*Um grupo empresarial de referência
que preserva as suas origens*



www.grupobensaude.pt